



COMPANHIA DAS LETRAS

UMA CANÇÃO DE NATAL

CHARLES DICKENS nasceu em Portsmouth, Inglaterra, em 7 de fevereiro de 1812. Aos doze anos, após a prisão do pai, começou a trabalhar numa fábrica de graxa para sapatos. Recebeu pouca instrução formal, porém, de forma autodidata, aprendeu taquigrafia e se tornou repórter do *Morning Chronicle*, com a incumbência de registrar debates parlamentares. Publicou crônicas em diversos periódicos, posteriormente reunidas no livro *Sketches by "Boz"* (1836). Entre 1836 e 1837, escreveu e publicou em série *As aventuras do sr. Pickwick*, que se tornou um fenômeno editorial. À publicação em capítulos de *Oliver Twist*, iniciada em 1837, seguiram-se *A vida e as aventuras de Nicholas Nickleby* (1838-9) e *A loja de antiguidades* (1840-1). Ao concluir *Barnaby Rudge* (1841), Dickens viajou para os Estados Unidos e registrou suas experiências em *American Notes* (1842). *Martin Chuzzlewit* (1843-4) não repetiu o sucesso das obras anteriores, porém logo veio a compensação: *Uma canção de Natal*, o primeiro dos cinco "livros de Natal", que foi publicado em 1843. Em 1846, Dickens começou a publicação em série de *Dombey e filho*, que, como *David Copperfield* (1849-50), é mais sério no tocante ao tema e mais bem planejado que seus primeiros romances. Ao longo da década de 1850, publicou *A casa soturna* (1852-3), *A pequena Dorrit* (1855-7), *Tempos difíceis* (1854) e *Um conto de duas cidades* (1859), além de ter criado os periódicos *Household Words* e *All the Year Round*. Nos anos 1860, apesar de a saúde do escritor ter se debilitado, escreveu *Grandes esperanças* (1860-1) e *O amigo comum* (1864-5). Dickens faleceu em 9 de junho de 1870, deixando inacabado seu último romance, *O mistério de Edwin Drood*.

RODRIGO LÁCERDA nasceu em 1969, no Rio de Janeiro. É autor de *O mistério do leão rampante* (novela, 1995, prêmio Jabuti e prêmio Certas Palavras de Melhor Romance), *A dinâmica das larvas* (novela, 1996), *Vista do Rio* (romance, 2004), *O fazedor de ve-*

lhos (romance juvenil, 2008, prêmio de Melhor Livro Juvenil da Biblioteca Nacional, prêmio Jabuti, prêmio da FNLIJ), *Outra vida* (2018, Melhor Romance no prêmio Academia Brasileira de Letras), entre outros livros. Traduziu para o português obras como *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson (Nova Fronteira, 1992), *Palmeiras selvagens*, de William Faulkner (Cosac Naify, 2003), *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas (em parceria com André Telles, Zahar, 2008, prêmio Jabuti de Melhor Tradução de Língua Francesa), *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas (em parceria com André Telles, Zahar, 2010, prêmio Jabuti de Melhor Tradução), *O homem invisível*, de H.G. Wells (Zahar, 2017).

SANDRA SIRANGELO MAGGIO é professora titular do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua nos programas de graduação e pós-graduação em letras, realizando atividades de ensino, pesquisa e extensão. Orienta trabalhos de graduação, mestrado e doutorado em literaturas de língua inglesa. Possui doutorado em literatura anglo-americana pela UFRGS, mestrado em língua inglesa e literaturas correspondentes pela UFSC, e especialização em literatura vitoriana pela Universidade de Leicester, Inglaterra. Integra o grupo de pesquisa do CNPq “O desenvolvimento do romance das ilhas britânicas nos séculos XIX e XX”, participa da comissão editorial de algumas revistas especializadas em literatura e atua como parecerista ad hoc para a Capes. Seu foco principal de atuação e pesquisa são as literaturas de língua inglesa, com ênfase na produção dos períodos vitoriano e eduardiano.

JOHN LEECH nasceu em Londres em 1817. Iniciou os estudos em medicina, mas logo mudou para a carreira artística em 1835, ficando conhecido pelas ilustrações feitas para a revista *Punch*. Um dos cartunistas mais famosos do século XX, em suas obras Leech desenvolveu uma espécie de caricatura da classe média urbana inglesa, com ênfase nos contrastes sociais. Leech faleceu em Londres, em 1864, aos 47 anos.

CHARLES
DICKENS

Uma canção de Natal

Tradução de
RODRIGO LACERDA

Introdução de
SANDRA SIRANGELO MAGGIO

Ilustrações de
JOHN LEECH



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Penguin-Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
A Christmas Carol

PREPARAÇÃO
Lígia Azevedo

REVISÃO
Fernando Nuno
Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dickens, Charles, 1812-1870

Uma canção de Natal / Charles Dickens ; tradução de Rodrigo Lacerda ; introdução de Sandra Sirangelo Maggio ; ilustrações de John Leech. — 1ª ed. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

Título original: A Christmas Carol.
ISBN 978-85-8285-095-4

1. Ficção inglesa. I. Maggio, Sandra Sirangelo. II. Leech, John. III. Título.

19-29789

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823
Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — <i>Dickens, Londres e o Natal</i> — Sandra Sirangelo Maggio	7
Prefácio — Charles Dickens	23
 UMA CANÇÃO DE NATAL	 25
Primeira estrofe: O fantasma de Marley	27
Segunda estrofe: O primeiro dos três espíritos	51
Terceira estrofe: O segundo dos três espíritos	73
Quarta estrofe: O último dos espíritos	103
Quinta estrofe: O fim da história	123
 <i>Créditos das ilustrações</i>	 133

Introdução

Dickens, Londres e o Natal

SANDRA SIRANGELO MAGGIO

A cidade de Londres é o território ficcional de Charles Dickens, assim como o Rio de Janeiro é o de Machado de Assis, ou Dublin, o de James Joyce. Apesar de não ter nascido nem morrido nessa metrópole, Dickens viveu nela por mais de cinco décadas. Acompanhou e retratou as mudanças ocorridas enquanto casas centenárias davam lugar a blocos residenciais e edifícios comerciais. As fábricas, movidas a vapor de carvão e trabalho braçal, se multiplicavam. A poluição acabava com os peixes do rio Tâmsa e transformava em cinza-escuro o céu que antes fora azul, enquanto ia manchando os pulmões dos cidadãos urbanos. O mercado financeiro prosperava e o nevoeiro londrino, chamado de fog, se misturava com a fumaça, transformando-se no smog (aglutinação de *smoke* e fog).

Assim era a vida na primeira fase da Revolução Industrial em Londres. Lá se veriam descobertas tecnológicas, expansão fabril, expansão mercantil e o boom do comércio internacional. Os efeitos colaterais dessas mudanças ainda não eram compreendidos ou contabilizados, e não existia uma legislação trabalhista. Londres poderia ser um paraíso para um empreendedor emergente, ou um inferno para um trabalhador pouco qualificado. Era uma época de paradoxos, recebida de formas distintas por pessoas diferentes, dependendo de onde se encontravam no grande tabuleiro social. Dickens registraria esse panorama

anos mais tarde, na conhecida primeira frase do romance *Um conto de duas cidades* (1859):

Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos; a era da sabedoria, a era da estupidez; a época de acreditar, a época de não acreditar; a idade das luzes, a idade das trevas; a primavera da esperança, o inverno do desalento. Tínhamos tudo a nossa frente, não tínhamos nada a nossa frente. Iríamos todos direto para o Céu, iríamos todos direto para o outro lugar. Em suma, era um tempo tão semelhante ao de agora, que algumas autoridades importantes insistiam que ele fosse tomado — para o bem ou para o mal — apenas no sentido de uma metáfora superlativa. [Tradução nossa.]

Ao longo da vida, Charles Dickens ocupou diferentes posições nesse tabuleiro, participando de várias esferas da sociedade londrina. Quando tinha onze anos, seu pai foi preso por inadimplência. Como era comum na época, a esposa e os filhos menores também se mudaram para a cadeia, já que não conseguiriam se sustentar de outra maneira. Charles, que era o filho mais velho, foi trabalhar em uma fábrica de graxa para sapatos, a Warren's Blacking Warehouse,¹ colando rótulos em garrafas de graxa, numa jornada de dez horas diárias. Recebia em troca seis xelins por semana e podia dormir nos porões da fábrica, onde (escreveu ele 25 anos mais tarde) havia muitos ratos. Para trabalhar, precisou abandonar os estudos e o sonho de um dia frequentar a universidade.

Nesse período, sua avó paterna faleceu, deixando para o filho uma pequena herança — suficiente para que conseguisse saldar as dívidas, sair da prisão e voltar para casa. Mas a família não se apressou em buscar Charles. O descalo deixou mais marcas do que as dificuldades materiais que o autor precisou enfrentar durante aquela época.

Passado algum tempo, Dickens voltou a estudar. Com quinze anos, começou a trabalhar como auxiliar em um escritório de advocacia. Aos poucos, se entrosou no ambiente intelectual: ia ao teatro todos os dias, tornando-se inclusive ator amador; escrevia matérias jurídicas para jornais; aos 21 anos publicou sua primeira ficção, “A Dinner at Poplar Walk” (1833), no periódico *Monthly Magazine*, e não parou mais de escrever. Três anos mais tarde, com o sucesso da coletânea *Sketches by “Boz”* (1836), já era provavelmente o escritor mais conhecido de todo o país. Essas vivências, cheias de altos e baixos, estão refletidas no universo ficcional de Dickens, onde encontramos personagens de todas as classes, representando as ideologias mais diversas. Isso também transparece em *Uma canção de Natal*, obra escrita em poucas semanas no inverno de 1843.

Dickens estava com 31 anos e era muitíssimo famoso, mas não tão rico: gastava tudo que ganhava, o que ocasionalmente o colocava em apuros financeiros. Já era pai de seis dos onze filhos que teria com a esposa, Catherine, e publicara cinco das cerca de vinte obras-primas que iria compor em vida: *The Pickwick Papers* (1837), *Oliver Twist* (1839), *Nicholas Nickleby* (1839), *The Old Curiosity Shop* (1841) e *Barnaby Rudge* (1841). Atravesava uma fase difícil. A família crescia e o dinheiro encurtava. Não conseguia se concentrar para escrever. Os editores o pressionavam para entregar o manuscrito de *Martin Chuzzlewit* (1844), mas ele só conseguira redigir os dois primeiros capítulos.

O Natal estava chegando, e Dickens se sentia particularmente sensível e emotivo. Lamentava que essa época do ano houvesse perdido a importância que tivera nos tempos de sua infância. No turbilhão das mudanças que ocorriam — tanto em sua vida pessoal quanto na sociedade em geral —, a luta pela sobrevivência não deixava espaço para sentimentalismos. Todos estavam atarefados,

sempre atrasados para cumprir agendas, estafados. Duas décadas mais tarde, outro escritor vitoriano, Lewis Carroll, criaria o Coelho Branco de *Alice no País das Maravilhas* (1865), para representar a luta insana contra o relógio que caracteriza a vida moderna. Era o fim do reinado do tempo da natureza — Kairós (καιρός), o tempo oportuno — e o início do reinado do tempo do relógio — Cronos (Χρόνος), o tempo que deve ser medido. Nesse novo sistema, as máquinas das indústrias não podiam parar. Para as classes trabalhadoras não havia feriados, fins de semana ou outras ocasiões em que o convívio familiar fosse a prioridade. O próprio Natal se transformara em um problema a ser contornado. Ocorria justamente na época do ano em que fechamentos, balanços, relatórios precisavam ser feitos; e projetos, encaminhados.

Para piorar as coisas, Dickens não suportava caminhar pelas ruas observando tanta miséria: crianças magras e sujas pedindo esmolas, prostitutas doentes marcando ponto, velhos desamparados suspirando pelos cantos. Ele se perguntava por que os antigos valores (a solidariedade, a boa vontade, a boa vizinhança) haviam se tornado obsoletos. Tendo ele mesmo experimentado tempos difíceis, Dickens sempre fez o que pôde para melhorar a situação — tanto nos textos que escreveu como através das ações sociais e políticas de que participou. Atuou junto à Secretaria da Saúde, à Associação Metropolitana de Assuntos Sanitários, ajudou a construir abrigos para os sem-teto e para mulheres abandonadas. Nesse ano de 1843, tentou sem sucesso convencer autoridades a recolher crianças de rua e lhes proporcionar uma festa de Natal especial. Mas nem as crianças nem o Natal estavam na pauta dos políticos da época.

Foi então que teve a ideia de criar uma história que pudesse comover as pessoas e, quem sabe, despertar nelas a solidariedade. Já era outubro, e a história tinha de ser publicada antes do Natal. Nesse curto período, ele escreveu o livro e agilizou as etapas de editoração e vendas.

Uma canção de Natal foi publicado no dia 19 de dezembro. Até o Natal, 6 mil cópias haviam sido vendidas. Era um livro muito bonito, um ótimo presente. Tratava-se de uma edição de luxo, com capa de boa qualidade, título, lombada e bordas em dourado, folha de seda na abertura, papel superior e ilustrações coloridas assinadas por John Leech, um artista renomado. Tudo isso a um preço acessível, apenas cinco xelins. Esse foi o maior sucesso de vendas de Dickens até então. Em maio do ano seguinte, já estava na sétima edição. O único problema era que o custo de confecção de cada exemplar era mais alto que o preço pelo qual era vendido, o que resultava em perda tanto para Dickens (que financiara a empreitada com seu próprio dinheiro) quanto para os editores da Chapman & Hall, que haviam concordado em dividir o prejuízo, como uma deferência ao escritor.

Contudo, os resultados alcançados superaram todas as expectativas de Dickens. As celebrações do Natal voltaram à moda. A ideia do “espírito natalino” como um momento de retomada das relações pessoais floresceu. Várias tradições foram recuperadas ou adotadas: as decorações nas casas e nas ruas, o encantamento com o cair da neve, os corais cantando canções de Natal e as ações beneficentes que visavam, ainda que fosse por um curto período por ano, garantir um pouco de conforto aos desvalidos. Outro fator que, por coincidência, contribuiu para o sucesso da empreitada foi o fato de a rainha Vitória ser casada com o príncipe Alberto, nascido na Alemanha, país onde as tradições natalinas eram muito cultivadas, a ponto de todos os anos o príncipe encomendar um pinheiro de lá para ser decorado no Natal. A partir da publicação de *Uma canção de Natal*, a tradição do pinheiro decorado se espalhou pelo mundo inteiro.

Dez anos antes, o historiador Thomas Carlyle já fizera uma reflexão sobre o poder da literatura para alavancar mudanças. No livro *The French Revolution: A History*